

APRESENTAÇÃO

Em tempos de cultura das mídias, cada vez se estreitam os laços entre as comunicações e as artes. Ditos assim, no plural, o que se pretende é enfatizar a complexidade e a diversidade desses dois campos no mundo contemporâneo. Para dar conta de alguns aspectos dessa aproximação, elegeram-se algumas questões que compõem o dossiê desta edição.

Logo no primeiro texto, o leitor se vê em um turbilhão de fatos e imagens: Kaspar Hauser, Matrix, museus, Andy Warhol e Truman Capote são colocados no mesmo contexto para balizar a tese de Maurício Martins Farina. Para o autor, o fato de que uma narrativa que se constrói livremente como um contexto derivado da referência sociocultural, ao tomar a forma de uma ficção, pode, paradoxalmente, tratar com mais profundidade uma problemática documentada.

Outro texto, de Elisabete Alfeld Rodrigues, estabelece a importância do roteirista, considerado por alguns autores como o contador da modernidade. A discussão conduzida por Elisabete é um tema muito atual e oportuno, como foi comprovado, por exemplo, na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) deste ano. No evento, o roteirista mexicano Guillermo Arriaga, criador dos argumentos de “Babel” e “Amores Brutos”, do diretor Alejandro González Iñárritu, rompeu a parceria com Iñárritu e levantou a questão: afinal, os filmes pertencem apenas ao diretor ou o roteirista também tem direito à autoria?

Na seqüência, Leonardo Cunha e Nísio Teixeira chamam a atenção para uma lacuna do Jornalismo Cultural brasileiro, que é a marginalização da cobertura sobre os processos culturais. Tudo se passa como se só importassem as pautas factuais e de agenda, e ficam de lado, na maioria das vezes, a economia da cultura e a política cultural.

Em um corte sincrônico, Luiz Henrique Barbosa chama a atenção para momentos representativos da aproximação entre jornalismo e literatura: a experiência de Euclides da Cunha, o repórter como *flâneur* em João do Rio e o lançamento da revista Piauí, no Brasil; e os romances-reportagens de Tom Wolfe, nos Estados Unidos. Como defende Barbosa, a visada estética da literatura traz benefícios para os textos jornalísticos.

O último texto do dossiê é um estudo do filme Central do Brasil, de Walter Salles, cujo lançamento completa dez anos. Alexandre de

Assis Campello investiga como o diretor trabalha a percepção da imagem no filme que se tornou referência do *road movie* latino-americano. A tarefa a que Campello se propõe é abordar a mudança na percepção da imagem entre o cinema clássico e o cinema moderno.

A segunda parte de *Mediação* abre espaço para a pluralidade de questões: são seis artigos tratando de temas os mais variados. O que os une é a pertinência e a atualidade das discussões. Logo no primeiro texto, Claudio Julio Tognolli relativiza tanto a idéia de que o aquecimento global viria apenas da atividade humana, quanto a de que a Terra reage como um ser humano racional, querendo vingar-se da poluição gerada pelos homens.

Já a publicidade é o foco de três artigos. No primeiro deles, Roseméri Laurindo e Jean Carlos D'Ávila apresentam uma pesquisa com profissionais das agências de Blumenau. Os autores constatam, com base na pesquisa, que o profissional da Publicidade, além de talento, precisa estar sempre atualizado, não só em relação aos recursos técnicos, mas, principalmente, quanto à percepção da cultura na qual está inserido.

Em outra chave, Admir Borges escreve que “o mercado de massa está sendo estilhaçado pelo impacto do cometa Internet que cruza velozmente o ciberespaço”. Aqui, o interesse reside na dificuldade da publicidade, ainda, em conseguir criar uma linguagem e uma forma adequada de mensagem para a Internet, que deixou o marketing diante de significativas fronteiras para a maior aproximação com o consumidor.

Por sua vez, baseando-se em conceitos da Análise do Discurso e da Semiologia, Luiz Cláudio Vieira de Oliveira analisa dois textos publicitários, com a finalidade de indicar o lugar que a descrição ocupa neles e suas características principais.

Em outro contexto, Mozahir Salomão preocupa-se com os constrangimentos organizacionais que se instituíram há mais de um século na cultura profissional do jornalista, influenciando seu *modus operandi*.

O último texto, de Leônidas Dias de Faria, propõe uma reflexão que pode contribuir para a superação de abordagens problemáticas da obra de Marx, que têm repercussão na teorização acerca da mídia.

Que esses textos possam inspirar debates no meio acadêmico, e mesmo fora dele, é o nosso desejo.

Fabício Marques
Editor